



ESSE NÃO
É UM LIVRO
SOBRE A FLIP

Júlia Firmino

"A FLIP É FEITA, EU ACHO QUE NEM TANTOS PERCEBEM, A FLIP É FEITA PELO POVO. "N" TÍTULOS, "N" PESSOAS, CADA UM COM A SUA HISTÓRIA, A SUA CARACTERÍSTICA. O VENDEDOR DE DOÇES, O HIPPIE VENDENDO SUAS BUGIGANGAS, QUER DIZER, A FLIP É ENCANTADORA".

PAULO

"E EU, SE NÃO CHEGAR AQUI E OCUPAR O ESPAÇO QUE A MIM ME PERTENCE, DIFICILMENTE VOCÊS VÃO CHEGAR LÁ NA MARÉ, PARA LER OU SABER QUE EU FAÇO POESIA. JÁ QUE VOCÊS NÃO DESCEM O DEGRAU PARA FALAR COM A GENTE, A GENTE VAI SE PREPARAR, A GENTE VAI SE ARMAR, A GENTE VAI SE INFORMAR, SE FORMALIZAR E ENTRAR DENTRO DO SISTEMA PARA CONVERSAR COM VOCÊS CARA A CARA"

MARTA

ESSE NÃO
É UM LIVRO
SOBRE A FLIP

Júlia Firmino

ANO 2018

TEXTO *Júlia Firmino*

ORIENTAÇÃO *Prof. Dr. André Cioli T. Santoro*

PROJETO GRÁFICO *Almerino Gonçalves D. Júnior*
E ILUSTRAÇÕES

*Este Trabalho de Conclusão de Curso
não reflete a opinião da
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE.
Seu conteúdo e abordagem são de total
responsabilidade de sua autora.*

*Esse livro é dedicado ao meu pai, que
faleceu em 02 de novembro de 2018. Ele
dizia para os amigos: “ajudei a minha
filha a fazer as entrevistas lá em Paraty.*

— Confia em mim?

— Eu confio”.



SUMÁRIO

ENTRE SECOS E MOLHADOS, OS POETAS VIVOS	08
A VIDA COMO ELAS ME CONTARAM QUE É	20
TERRITÓRIO PARATIENSE, OCUPAÇÃO PARATIANA	36
FRAGMENTADAS	46
SLAM DE QUINTA	66
QUANTO CUSTA A SUA VERDADE?	78
LIVROS ESQUECIDOS	86
A CASA DA NÃO HILDA	92

PRÓLOGO

A Festa Literária Internacional de Paraty reúne, todos os anos, durante 5 dias, autores nacionais e internacionais para debater questões relacionadas à literatura e sociedade, nas mais variadas vertentes da arte: literatura, teatro, cinema e música.

A programação se divide entre a oficial e a independente, além dos artistas locais.

Em 2018, sob a curadoria de Joselia Aguiar, a festa homenageou a autora Hilda Hilst.

ENTRE SECOS E MOLHADOS, OS POETAS VIVOS



DÁ PARA VER DE LONGE, ao atravessar a ponte em direção ao centro histórico de Paraty, um homem estilo Lampião.

Chapéu de couro, camisa xadrez, bolsa carteiro de um lado e cantil de barro do outro. O homem é mais alto do que todos, isso porque seus pés, abrigados por sandálias de couro, estão apoiadas em tocos de madeira com quase 15 centímetros.

Paulo Marcos Cavalcante não quer ser confundido com ninguém. As roupas são um resgate do Nordeste, mistura de vaqueiro, cangaceiro e sertanejo.

Passa a maior parte do dia naquela posição. Não, não faz nenhum show de equilibrista. Na bolsa de couro e nas mãos incontáveis exemplares de seus livros: *Um andarilho em busca de cultura* e *Martírio dos Viventes*. É autor de 3 romances, mas acabou de vender o último título de *Como se Fosse um Paraíso*.

O professor de história da rede municipal de Campina Grande vai à FLIP desde 2005. As roupas são sempre as mesmas, na chuva ou no sol. Paulo está em pé nos seus tocos de madeira com o discurso decorado, pronto para vender seus livros a quem tropeçar ao seu lado.

Não fala apenas sobre suas obras. Paulo não perde tempo em apresentar seu amigo Zé Salvador, um dos maiores cordelistas do Brasil, segundo ele, com mais de 30 títulos.

Zé Salvador é tímido. A boina marrom esconde os olhos, a armação grossa dos óculos também não ajuda. No rosto, chama atenção um encorpado bigode branco. Na camisa, a estampa diz “Diário de poesia” acompanhada de uma caneta tinteiro, daquelas com pena, digna de quem começou a escrever os primeiros versos em 1972.

Porém, só depois da aposentadoria pôde pensar em divulgar seu trabalho.

É membro da academia brasileira da literatura de cordel, da união brasileira dos trovadores, do clube diário da poesia e “sarauseiro”. Mas se for chamado para um sarau, só vai saber de cor os poemas sociais, não é bom de memorizar.

Em uma mão o livro *Vai um soneto aí?* e na outra, uma infinidade de títulos de cordel impressos em papel reciclável com a capa colorida.

Apesar de não fazer grandes tiragens, Zé Salvador vai se perdendo em cada uma de suas histórias, procurando entre as folhinhas azuis, rosa, verdes e amarelas o cordel sobre a Cidade de Deus, ou sobre Fidel Castro.

Do livro imprimiu apenas 100 exemplares.

— Se algum dia eu for um famoso e alguém quiser um livro meu, vão dizer: “é só 100?”. Mas eu só tinha dinheiro para 100! Eu só pude fazer 100! O que eu vendo é para pagar o dinheiro que eu empreguei, mas pelo menos eu estou sendo visto.

A maioria não foi comprada, foi dada.

Apesar do nome, Zé nasceu no Tianguá, Serra da Ibiapaba, no Ceará e afirma sem hesitar:

— Sou cearense. Eu costumo usar um mote de um poeta, que eu não lembro agora, ele não é muito divulgado, que é “quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho do sertão”. Eu não nego a minha origem, faço questão de dizer de onde sou e acho que a gente tem que fazer isso mesmo, a gente tem que não ter vergonha de ser de onde é.

O comerciário, que mora no Rio de Janeiro há 42 anos, vira e mexe volta para o nordeste, para beber direto da fonte. Com medo de perder as raízes, não quer esquecer o linguajar, os sabores e os jeitos da sua terra, mesmo que sua preocupação não seja apenas a seca.

— O que é escrever profissionalmente? Eu não sei definir, eu só sei dizer que eu nunca vivi de literatura e não vivo de literatura porque não tem como.

Para os nordestinos a FLIP é uma vitrine. É escolher a melhor roupa, a capa do livro mais bonita e o melhor sorriso. Paulo já está com o rosto vermelho de sol, pequenos fios de cabelo branco escapam do seu chapéu de couro. Em 2014, ele saiu de sua cidade em uma moto. O destino? Paraty. 9 dias de viagem virou reportagem.

Não se incomoda por não estar nas tendas, gosta de estar na rua contando sua história, cruzando informações e escrevendo, com caneta azul bic, um recado de gratidão para quem compra um de seus livros.

Mais antigo na festa do que a própria curadora atual, ele tem certeza de aquele é um local nobre, o local certo da literatura. Recomenda para todos os amigos, como recomenda Zé Salvador, seu amigo cordelista.

— A FLIP é feita, eu acho que nem tantos percebem, a FLIP é feita pelo povo. “N” títulos, “N” pessoas, cada um com a sua história, a sua característica. O vendedor de doces, o hippie vendendo suas bugigangas, quer dizer, a FLIP é encantadora.

Se não tivesse feito isso, acredita ele, jamais estaria na sexta edição de *Martírio dos Viventes*, estaria no Nordeste,

falando com pessoas que compartilham da mesma realidade e das mesmas angústias.

— Eles já sabem e nem valorizam, “não... isso aqui eu já vivi”. Eles dizem sempre: “essa seca eu vivi”. Quer dizer, para eles é normal. Mas em outro espaço é algo diferente, é algo exótico, algo merecedor de olhar e de conhecer.

Em 14 anos de FLIP vendeu mais de 3.500 exemplares, que se espalharam nos cinco continentes.

Se a FLIP é internacional, Paulo também é. “*A Wonder looking for culture*”, ele pronuncia com todas as aberrações erradas da pronúncia. Trata-se da versão traduzida para o inglês do seu último livro, lançado em 2015, feito para alguns estrangeiros, repórteres e professores de língua inglesa. Quem sabe o andarilho não vira mote em aula de inglês?

Foi em uma sala de aula que o pequeno Zé Salvador se descobriu poeta. Não porque fez faculdade, se considera um autodidata, mas foi lá que floresceram os primeiros anseios de falar.

Seus sonetos são técnicos, clássicos, rígidos e dentro da regra. Os cordéis também, dentro da ordem, rima, métrica e oração. Ele já explica e se defende, é desse jeito que gosta. O tema favorito? Questões sociais. Gosta de falar de política, porém sem ser incomodado, prefere falar

sobre os desmandos, viajar dentro da política e do linguajar nordestino, como no cordel *Cidade de Deus: um projeto que o arquiteto não terminou*:

“[...]”
Aqui não vou contestar
Quando se deu a insurgência
O ano pouco importa,
Importa mais a urgência,
Que precisa ser urgente
Pra deixar de ser frequente
Nas ruas a violência
[...]
Seus filhos são massacrados
Pela violência atroz
Sendo da periferia,
Eles quase não têm voz,
Mas garra por garra tem
Não se dobrando a ninguém,
Muito menos ao alçó!”

Falar do próprio lugar, da sua aldeia, é falar entre os seus. Falar do social é falar com todas as camadas possíveis.

Quando não fala sobre sua aldeia não é por vergonha, é porque o cearense sabe que tem muita gente falando sobre o assunto e ele quer contribuir onde se sente mais à vontade.

— Nesse aqui eu optei em falar sobre a Cidade de Deus, mas pelo lado da visão artística, ou seja, dos artistas que a cidade tem e não a violência, porque a gente sabe que é muito violento. O *Terra das mamatas*, é sobre a posse de um prefeito, são 3 pessoas falando, um palhaço, um nordestino vindo de lá, mas já no Sudeste a muito tempo e uma dona de casa empoderada, porque ela trabalha fora, ela tem dupla jornada e não é muito concordante com isso. Tem um filho que ela perdeu para a polícia por engano, e ela lamenta isso.

Paulo não saiu de sua aldeia, é de lá que busca as inspirações para os seus romances. Filho de camponeses do sertão nordestino, viveu os tempos de seca, assim como os tempos chuvosos.

Martírio dos Viventes, como no quadro de Portinari, retrata uma família tentando sobreviver na sequidão. A inspiração veio da seca que aconteceu entre 1992 e 1993.

21 meses sem chuvas resultaram no sofrimento de animais, na morte de grande parte da flora e na exclusão social explícita. A trama envolve a religiosidade, resistência nordestina e mortalidade infantil.

De uma família com 12 filhos, Paulo viu restarem apenas quatro crianças. Da experiência surgiram os primeiros rabiscos com críticas à superestrutura, à Igreja, ao poder e as injustiças.

Paulo poderia ser feito Zé Mocó, que na piracema vira vítima de pescador e cai na rede, ou melhor, na urna. Se não sabe escrever não tem problema, o importante é o polegar para poder votar e exercer os direitos de cidadão. O Nordeste é uma coisa! O Brasil! Eles não querem que as pessoas possam assinar seu próprio nome, o polegar já basta.

A injustiça motiva o professor, assim como as experiências.

Não apenas do estigma da seca vive o nordestino, *Como se Fosse um Paraíso* trata sobre os anos molhados, anos chovidos, anos de fartura, utopia. O ambiente familiar permanece, na década de 1970 uma comunidade sustentável, com educação familiar vigente, respeito aos mais velhos e brincadeiras infantis que não existem mais.

Todo saudosismo das memórias de criança aparece no sorriso de um Paulo que guardou para *Um andarilho em busca de cultura*, sua história.

— Esse aqui é tudo com fatos reais!

Seriam seus fatos ou de outras pessoas?

— Todos os meus fatos, esse andarilho sou eu, essa daqui é a minha história, vivi tudo que está aqui escrito.

Um garoto que sai da casa dos pais aos 12 anos para estudar. Quer fugir da enxada e buscar cultura. Trabalha de graça em lanchonetes, sofre e paga um preço alto.

É uma longa história, Paulo não me conta nem um terço. Não quer estragar as surpresas de seu próprio livro. É apenas um cheiro para conquistar o interesse, afinal, aquela é sua vitrine.

Zé Salvador publica com sangue, suor e lágrimas. Não nega nenhuma foto, sabe que com o Facebook, alguém vai, de alguma forma, ligar o nome ao personagem. “Todo santo dia está lá o meu bom dia em poesia”, e é bom dia mesmo, ele garante, nada de reclamações. Nem parece o mesmo poeta dos protestos.

— Se eu começar o meu bom dia e ele partir para o soneto, eu vou dar o meu bom dia em soneto. Já aconteceu isso. Se eu for dar bom dia e vier um cordel, eu faço 3 ou 4 estrofes de cordel dando bom dia”.

Às vezes, o bom dia é em trova também.

Mas para achar seu perfil tem que ficar esperto, tem que ser “Zé Salvador poeta”, porque Zé mesmo tem um monte, Zé Salvador então são seis ou oito perfis. E como

tem Zé lá na Paraíba! Zé de riba! Até seu e-mail vem acompanhando de um 06 para se diferenciar e ser encontrado.

— Porque ninguém conhece um poeta vivo. Dois dias atrás eu estava no Sesc e uma menina disse assim:

— É você mesmo esse cara? Ué, mas você é vivo!

— Isso não é uma ilógica – Zé defende a menina – Isso é uma coisa comum. Conheci meu primeiro poeta vivo aos 20 anos! A gente costuma ler poetas mortos. Essa Hilda Hilst – ele puxa forte um R em “Hilst” – É Hilst mesmo que fala, né? Ela só ficou famosa depois. Quem ficou famoso com poesia foi o Drummond, Ferreira Gullar. Aqui a gente tropeça numa pedra e encontra um poeta.

Ele se lembra de Castro Alves, poeta ícone do romantismo. Naquela época deve ter tido milhares de “Castro Alves” – assim como aqueles seis ou oito Zé Salvador – mas ninguém ficou para a posteridade, só um.



A VIDA COMO ELAS ME CONTARAM QUE É

O PALHAÇO BRUNO NÃO DEVE TER mais que 20 e poucos anos. Anda de um lado para o outro na praça da cidade.

A tenda em formato de carrossel é palco da Flipinha e picadeiro do palhaço, que não perde a oportunidade de implicar com os visitantes ou chamar a atenção das crianças com suas roupas neon e seu óculos gigante. Ao vê-lo, nenhuma delas poupa os gritinhos histéricos.

A Flipinha é a programação oficial da FLIP destinada às crianças, que conta com o apoio da Casa Azul, uma organização da sociedade civil que desenvolve projetos sociais voltados para a cultura, educação e urbanismo.

Neste ano, o projeto chama *Pé de livro*: leitura e contação de histórias embaixo das árvores da praça.

Pendurados por fios de nylon, livros infantis estão suspensos nas árvores: *O neguinho brasileiro*, *Crônicas de Paraty*, *Chico Bento 7 anos*, *Conversa de morango*, *Poemas com macarrão*, *A parte que falta e tantos outros*, estão bem ao alcance das crianças. Assim como se colhe uma fruta do pé, elas podem puxar os livros, sentar no tronco e ler com o auxílio dos monitores.

Bruno, não é contador de histórias, mas promete um presente.

Ele caminha pela praça, 10 passos até chegar ao lado oposto, onde duas meninas de franjinha seguram livros em suas mãos e um casal conversa com Clelia, o presente.

QUANTAS HISTÓRIAS CABEM EM UMA MÃO?

A contadora de histórias Clelia Maria de Oliveira Botelho já viveu metade de um século, mas fala com a calma de quem já viveu mais de 100 anos. Fala tão baixo que é preciso apertar os ouvidos para não perder nada. Sua pele negra brilha sob o sol, que aparece entre as folhas da copa da árvore, ela prende os cabelos em um coque com uma faixa azul.

Quando me sento debaixo do seu *Pé de livro*, posso ouvir ela conversando com uma mulher de óculos escuros sobre uma criança que sofreu queimaduras de um jeito estúpido, com um

isqueiro, descuido da mãe. A menina machucada no hospital, recebia visitas de Clelia como contadora de histórias.

Cinco anos atrás, ela se deu conta de que era filha de pai contador de histórias e mãe mediadora.

Em Volta Redonda, a pequena Clelia era rodeada por crianças, irmãos, vizinhos; e, claro, por histórias. Sejam aquelas que saiam da cabeça de seu pai, ou de um livro lido por sua mãe.

— Na mediação você pega o livro e vai mediar ele entre a criança e a história, do jeitinho que está no livro. Você vai ser fiel a essa leitura, você não vai aumentar nada – ela fala como se conversasse com uma criança.

No *pé de livro*, não tem contação, só mediação. Clelia tem que ser leal ao livro, mesmo que não goste. Por ela, cada livro era uma farra danada, ou traquinagem, como aprendeu com seu pai.

Quando se lembra dele Clelia abre um sorriso. Tudo na mão dele virava mágica e se transformava em história. Um tambor, um pandeiro, vestir-se de mulher também não era problema, mas o que as crianças gostavam mesmo era das histórias de monstro.

Carregando em sua bagagem as histórias do pai e da mãe, em 2007, Clelia se muda de Volta Redonda para Paraty e começa trabalhando como faxineira na biblioteca da Casa Azul.

Porém, assim que ela colocou os pés na areia da praia, descobriu que sua mãe havia sumido em sua cidade natal, criando um buraco em seu peito, que foi se preenchendo pouco a pouco com a companhia dos livros que ela limpava.

Ainda como faxineira, foi convidada pela diretora e responsável pela Flipinha, na época, para fazer cursos, voltar a estudar e fazer parte de programas de contação, que a levaram para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), asilos e hospitais infantis.

Clelia deixa as crianças à vontade.

— Eu tenho até uma foto que eu mandei para o rapaz da editora – ela revira a bolsa em busca de um celular preto, simples. Na tela, fotos de duas crianças praticamente deitadas em seu colo – Eu amei essa foto, a menina grudou no meu peito, ela foi se chegando e quando eu vi ela já estava no meu peito – ela ri e logo guarda o celular, não é muito chegada em tecnologia, já ficou mais de 3 meses sem celular e não liga.

Sem celular, o registro da memória nunca falha. No caminho ela aprende a domar as “crianças”. Quando tinha arte na praça, os brinquedos serviam de distração para as mais feroces, enquanto Clelia dança conforme a música dos pequenos.

Em suas visitas ao asilo, Clelia não tinha horário para sair e sequer sabia se chegaria a ler um livro inteiro, mas os carregava em sua bolsa do mesmo jeito. Ao sinal de qualquer memória, a história era interrompida.

Eles se lembravam do passado, alguns riam, outros choravam. E era assim, primeiro ouvinte, depois contadora.

No hospital, crianças com queimaduras ou ferimentos. Chegava a hora do curativo, as mães pediam por Clelia, que contava histórias ou desenhava para as crianças. Muitas vezes os pais não conseguiam estar perto dos filhos em sofrimento.

Na APAE, brinquedos são obrigatórios. Chocalhos feitos com arroz ou feijão, dentro de garrafinhas reutilizáveis de iogurte, produziam os barulhos necessários para chamar atenção em caso de agitação. Todo dia Clelia os encontrava de um jeito diferente, tinha dia que eles queriam roda, tinha dia que eles queriam pique esconde. Assim como nos asilos, ler os livros nunca era uma certeza.

— Um adolescente, deficiente mental. Ele tinha um problema que ele quase não se mexia. E quando eu vou passar a página ele conseguiu puxar o meu braço para que eu voltasse: “Você quer que eu leia de novo?”. Ele se comunicava apenas pelos olhos, e ele olhava para mim e olhava para o livro. Eu ia toda semana, às vezes fora do horário da Casa Azul.

Em 2015 veio a crise e Clelia foi dispensada de seus trabalhos na Casa Azul.

— Por incrível que pareça, há um ano atrás eu estava vendendo plano funerário, eu conseguia tirar risada das pessoas vendendo plano funerário. Às vezes eu era até maltratada, mas eu começava a brincar e daqui a pouco a pessoa já cedia:

“Deus que me livre! Eu vou comprar um troço desses e vou morrer! – se indignavam os clientes.

Imagina! A senhora faz plano de saúde para ficar doente? A senhora faz seguro de carro para bater com o carro? – e aí eu já falava de um jeito assim brincando: Comigo é garantido, a senhora vai comprar o plano funerário e é 1000 anos!” – ela agita as mãos enquanto fala, olha para o outro lado, como se lembrasse de uma outra vida.

Tirando proveito da única certeza da vida: a morte. Em seu emprego temporário como vendedora de planos funerários, entre cafezinhos e piadas, Clelia se mantinha como contadora de histórias.

NESSA ÁRVORE NÃO TEM MAÇÃS

Sozinha, em outra árvore, ao lado de Clelia, Miriam amarra de forma desajeitada o fio de nylon nos livros. Com

o auxílio da tesoura, ela arremessa o fio para o alto, na esperança que ele se enrosque em algum galho para que ela possa terminar sua tarefa.

São quase 10 da manhã. Há poucas crianças na praça.

Assustada, quase não encara ninguém nos olhos, mas responde com certo entusiasmo. Não gosta de ficar no meio do movimento, gosta de estar à margem, apenas observando.

Miriam de Almeida Costa é baiana, do Mucuripe, extremo sul da Bahia. Não é alta e nem baixa. Joga os cachos crespos para trás com uma faixa listrada e colorida. Na pele, as marcas de acne nas bochechas e o all star colorido nos pés se aproximam mais da menina que se casou aos 15 anos, do que da mulher que aos 40 é estagiária em uma escola, com três turmas do 6º ano (antiga quinta série).

Com a fala arrastada e a língua presa, vai perdendo a timidez quando se lembra de sua chegada em Paraty, aos 10 anos, a convite de um tio que ela não conhecia.

Seu pai era agricultor. Na Bahia as coisas eram difíceis, aquela questão de falta de água e tudo. O pai andou uma época doente e perdeu o olho direito. Como também era mecânico não recusou o convite do tio, que era dono de uma oficina, e se mudou com a família.

Ao contrário da mãe e da irmã, nunca retornou para sua cidade natal.

— Eu casei novinha, meu marido já tinha filho. Daí já entra a questão dos filhos e eu com muita vontade de estudar. Agora eu estudo, tenho três filhos na escola, estou fazendo faculdade, então é um pouco mais complicado.

Começou seus estudos aos 15 anos, o marido a colocou na escola, depois de três gestações e quatro filhos – um de criação – Miriam completa o ensino médio aos 30 anos, em 2016, quando começou a trabalhar no *Pé de livro*.

Se hoje não sai sem um livro na bolsa foi por ter vivido a experiência de ser uma adolescente que não sabia ler.

Como Clelia, é uma rebelde da mediação dos livros. Se a contação deveria estar restrita à tenda, a emoção trai a razão dessas mulheres que seduzidas pelas crianças preferem contar histórias.

Em seu estágio, em uma escola pública com educação especial, se é acusada de trabalhar de graça, logo se defende: “De graça nem almoço! Um detalhe mínimo se torna aprendizado para a vida inteira”.

A Miriam que gosta de ficar à margem continua arremessando tesouras e amarrando livros, na esperança de encontrar ao menos um de seus alunos por ali.

UM BRIGADEIRO EM TROCA DE CONSELHOS

Do lado oposto a praça, na Rua do Comércio, carrinhos de madeira com bandejas de brigadeiros, pavês, tortas, rapadura, queijadinha, bolos, quindim e cajuzinho são empurrados diariamente pelas mãos daqueles que conhecem muito bem todas as passagens daquele formigueiro de gente.

Com o centro histórico lotado era impossível conversar com Mônica sem atrapalhar as vendas. Era como estar perto de uma cachoeira e poder apenas receber algumas gotas no rosto, nunca mergulhar.

Mesmo rodeada de clientes que perguntam “isso aqui é de banana?”, ou “qual o preço do brigadeiro?”, ela elogia a forma como um menino retira o brigadeiro com o guardanapo, ou explica que a torta de banana estava despedaçada porque alguém a virou enquanto ainda estava quente, mas que mesmo assim tinha gente que gostava desse jeito.

No domingo, último dia de festa, Mônica está sentada ao lado de seu carrinho, sozinha, com um suéter marrom e o habitual lenço colorido na cabeça, em contraste com a pele cor de argila.

Contrariando o que parecia ser a sina das mulheres da família, mesmo tendo a infância dividida entre o Rio de Janeiro e Paraty, Monica mora lá há 52 anos, o mesmo tempo que tem de vida.

Sua avó, por ser índia, foi expulsa. Até tentou regressar, mas resolveu não ficar. A mãe, acometida por uma doença grave, sem tratamento por ali, nem em Angra dos Reis, nem em Ubatuba, também não pode ficar.

Sentada no muro de pedras, que cerca uma mangueira, ela observa seu carrinho.

O filho mais novo, com 15 anos, começou a trabalhar como vendedor e teve a possibilidade de comprar o carrinho de doces. Ela não diz que sua profissão é vendedora, porque aquilo não é trabalho, é distração.

Se ficar em casa, não vai ter o que fazer e muito menos com quem conversar, então prefere vender. Não liga se perde dinheiro, perde sempre. Não conta o troco e não é preciso chorar muito para conseguir um desconto. “Faço os dois por 10 reais”, cada brigadeiro custa seis.

— Eu gosto de ver a expressão das pessoas, eu gosto de ficar analisando o olhar das pessoas. Lógico, algumas você analisa algumas atitudes, analiso, mas não crítico.

Alguma boa história ela deve ter para contar.

— Ih minha filha, pelo amor de Deus! O que eu mais tenho é história para compartilhar, você não tem nem noção, nem ideia! Existem histórias de brigas, de confusões... e aí eu não sei nem o desfecho.

— Oi, venha cá! – um homem se aproxima do carrinho.

— Pois não! – Monica já levanta desconfiada.

— Você pode me dar só uma lasquinha? – ele aponta em direção ao monte de rapadura em uma bandeja.

Ela coloca um pouco de doce no papel pardo, enquanto ele espera impaciente. O homem tem cara de surfista, loiro, alto e veste uma camisa vermelha salva vidas. Ele rapidamente leva o doce a boca, com papel e tudo. Monica grita desesperada:

— Mas o papel não é para comer!

O homem não liga, diz que gosta de rapadura assim mesmo com o papel. Dá de ombros enquanto pisca.

— Vou ser candidato a vereador, princesa! – e some da noite.

Monica volta a se sentar no muro indignada com a rapadura no papel.

— Tá vendo? É cada uma dessas todo dia! Se eu fosse escrever um livro de pequenos contos seria bem interessante.

E por que ela não escreve?

— Mas eu já tentei. Todos os dias eu ia até a praia, lá embaixo – ela aponta em direção ao outro lado da ponte, para a praia do Pontal – levava um caderno e escrevia. Mas é difícil publicar, essas coisas de editora. Daí eu joguei tudo fora.

Do que ela gosta de ler?

— Teve época que eu lia de tudo, de uns 10 anos para cá eu gosto muito de ler sobre a espiritualidade... Oi minha filha, Pera aí – Monica se levanta e atende uma menina de cabelos cacheados, que pede um bolo com leite condensado.

— Tudo bem... mas você pode... você quer um bolo de cenoura e daí eu boto leite condensado? – Ela se enrola com o troco três vezes, cada vez a menina voltava com uma moeda diferente, esperando a troca.

— ... hoje eu gosto de ler sobre a espiritualidade em geral, não é sobre Deus, é sobre o que a gente está fazendo aqui. Você lê a Bíblia e ela puxa uma coisa. Eu sempre li muito a Bíblia, mas cada época da vida parece que o pessoal fala que a Bíblia modifica, mas na realidade é você que modifica e enxerga diferente, como qualquer livro.

Com seus estudos ela deseja responder, apenas perguntas básicas: O que está fazendo ali? O que é? O que tem? Quem é?

— Eu já gostei muito de poesia, hoje eu não suporto. Não sei o que aconteceu comigo que eu não suporto. Na época, gostava de poesia porque todo mundo gostava e era moda, porque não é normal, gente! Eu acho horrível! Acho que gostava das poesias antigas, daquela: *Oh! que saudades que tenho, da aurora da minha vida* – ela cita Casimiro de

Abreu, impaciente – Eu acho que eu gostava dessas, é igual quadros. Sempre gostei muito de quadros abstratos. Hoje eu continuo gostando, mas eu adoro paisagem, eu viajo.

Ela se lembra de um quadro de sua casa: dois barquinhos ao mar, uma cabana de sapê e no cantinho o pedaço de um rio. Para cada filho a paisagem se transformava em uma história diferente, no caçula, a história era assim:

— O Marcos e o Hyan estão lá no barquinho. O vovô está dentro da casinha vigiando vocês, vigiando o Marquinhos e o Hyan.

— E o Vitor?

— O Vitor está ali no pé de... não tem aquela árvore? Ele está lá, perto da árvore soltando pipa.

— E a gente?

— Tá vendo esse cantinho aqui? Que você não está vendo?

— An?

— Então, nós dois estamos nesse cantinho aí, brincando com os peixinhos.

Falando em seus filhos, eles aparecem. Homens com cara de meninos arteiros, cansados depois de quatro dias de trabalho intenso, reunidos com um amigo e a namorada de um deles ao redor do carrinho.

— Vai vender meu filho, está passando gente e eu quero ver se você é vendedor. Vitor, você falou que ia vender aí!

— Mãe, já era!

— Deu ruim, cansou né meu filho?

— Tchau mãe, eu vou tomar uma cerveja.

— Mas onde vocês vão? Vai vender para mim, por favor? Daniel, quero ver se você é um bom vendedor, vende dois doces aí para mim agora – Ela brinca, sabe que nenhum deles é tão bom vendedor como ela.

Eles se despedem da mãe, todos com um beijo na testa.

— Olha meu filho, nada de bebida alcoólica, você tem uma namorada te esperando em casa – eles se viram em grupo e vão embora. Monica já sabe que eles não vão escutar seus conselhos, mas ela os dá mesmo assim.

— Eles são sempre assim?

— Sim. E eu sou sempre assim com eles.

TERRITÓRIO PARATIENSE, OCUPAÇÃO PARATIANA



PARATY. nome próprio. tupi/índios guaianás: “viveiro de peixes”

EM POSTES NA RUA DO COMÉRCIO há bandeiras de algodão cru, com letras coloridas “OCUPA PARATY”. A marca de uma mão vermelha carimbada no tecido poderia ser de uma criança. Com a falta de vento, as fitinhas de nosso senhor do Bonfim, penduradas na barra, mal se movimentam.

Atravessando a ponte e seguindo caminho pelo rio Perequê Açú, afastados da Praça da Matriz e dos auditórios principais da FLIP, barracas de lona verde e cinza. Um banner indica a programação para uma sexta inclusiva, um sábado transformador e um domingo diferenciado.

Em uma das barracas a placa, feita com retalhos, indica que ali é a Casa do sol. Curumins vestidas com saias floridas e curumins vestidos com roupas de homem branco dão as mãos. Todos têm o rosto pintado com riscos pretos na horizontal, nos meninos mais fino e nas meninas mais grosso.

Enquanto os meninos tocam, as meninas balançam as saias, tudo no ritmo dos tambores angua-pú, da rabeca de três cordas rave-í e do bastão de ritmo tacua-pú. É o coral da aldeia Itaxim-Paraty Mirim, da etnia Guarani, que se apresenta para quase 50 pessoas, às 14h30 de um domingo de muito sol.

Algumas meninas sorriem enquanto se apresentam, outras parecem envergonhadas, as mais novas estão apenas impacientes.

De costas para a apresentação, pela abertura da barraca, podemos ver as saias balançando e mais um banner em vermelho, com uma frase de Hilda Hilst: “O que será de todos logo mais, se não dilatarmos nossos corações ao infinito?”.

NOTA:

Confusão no centro histórico de Paraty

Em janeiro de 2017, a guarda municipal e os índios paratienses entraram em conflito. Viaturas da guarda foram chamadas para deter os índios, que munidos de arcos e flechas, miravam nos homens da polícia.

A confusão, segundo fontes, teria sido motivada por um pedido de retirada dos índios do centro histórico.

Sábado de manhã, na porta da biblioteca Municipal de Paraty, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, uma mulher segura três livros amarelados. Ela agita as mãos, cobertas por luvas cirúrgicas, como se espantasse um inseto. Estava pedindo aos índios que fossem para o outro lado, para deixar livre a entrada da biblioteca. O homem está sem camisa, veste um cocar com penas que vão até os quadris e uma bermuda, o rosto está pintado de vermelho e preto. Não gosta da atitude, mas não discute. Tenta mover com cuidado as peças de artesanato dispostas em um tecido branco pela calçada, até que esteja na distância desejada pela bibliotecária, que logo desaparece pela pequena porta de entrada.

Em meados de 1996, os índios foram obrigados a abandonar o fogão a lenha e a deixarem as ocas onde moravam. Receberam tijolos e cimento para construir novas casas, botijões de gás para cozinhar e foram proibidos de andar caracterizados.

Nas ruas, apenas colares de pedra da lua retorcidas com arame e linha preta são permitidos, os cestos e os balaios, apenas nas lojas autorizadas.

À noite, encostados na parede de uma dessas lojas, crianças do coral se apresentam. Aos pés deles, um cesto com uma plaquinha “Colabore com a cultura local”. Um homem pede uma dança para os curumins. Os movimentos se assemelham aos de um toureiro.

Enquanto Mônica caminha pelas pedras do centro, ela cumprimenta todos os índios. São tímidos, quase não falam com ninguém, não tem amizade com pessoas de fora.

— A Flip, não é cultura? E eles não são cultura? Não são a nossa tradição? Não são a nossa história? A raiz de todo um Brasil?

Se sente envergonhada e irritada, assim como sua avó deve ter se sentido ao ser expulsa de Paraty. Parecia que eles eram uns pobres coitados, que estavam pedindo “*por favor me dá uma esmolinha*”. Horrível!

Nas ruas, eles são tão atração quanto as peças que vendem, seja nos colares, réplicas de cocar, brincos com penas coloridas ou pulseiras de miçanga. Mas suas apresentações de dança, canto e cultura não chegam nem perto da arena.

— Mas eles não estão nem aí para o que as pessoas falam, eles não estão nem aí para racismo e preconceito, porque eles se orgulham de tudo deles – como se tivesse ouvido o desabafo de Mônica, um curumim se aproxima: Fala meu filho, é para mim comprar, não é isso? O Hyan! Vai e fala com aquele rapazinho ali ó. Hyan, dá 10 reais ali para ele, por favor.

O menino não se mexe e não fala nada. Coloca a flauta na boca e começa a soprar, soando como um pássaro.

— Para quê? – pergunta o filho confuso.

— Hyan! Porque eu quero, dá licença – grita Mônica.

— Assobio? Para que isso? É 10 reais? – pergunta Hyan.

— Ai meu pai do céu! – Mônica está impaciente – Porque eu quero ficar apitando para mim chamar os fregueses!

Com o dinheiro no bolso e o apito nas mãos de Mônica, o curumim entra na Rua do Comércio. Aqui se vende de tudo, ilustrações, quadros, prataria, bijuterias, marca páginas, imãs de geladeira e música. Sempre tem alguém tocando um samba em busca de alguns trocados.

Sentado de frente para um cavalete, misturando azul e laranja em uma aquarela, o artista plástico André Meurer vende seus quadros e imãs. Começou a pintar aos oito anos de idade, hoje já são 50 de carreira. Poderia ter sido muitas coisas na vida, já que, além de poliglota, estudou química nuclear, um pouco de medicina, psicologia e arquitetura.

Durante 10 anos foi da feira hippie de Ipanema. Em 1980 conheceu Paraty pela primeira vez.

O carioca desembarca na rodoviária e dá de cara com um museu a céu aberto. Para ele, o paraíso. Dali para frente, era todo final de semana em Paraty.

André já tem os cabelos brancos, ao lado do cavalete, sempre uma lata de cerveja como sua companhia.

Não tem nada contra o Marcos (Mark Zuckerberg),

apenas contra os aficionados em facebook, WhatsApp. Acha um absurdo as pessoas que estudam, mas não sabem ler ou escrever, de vocabulário pobre.

— Existem erros? Claro, somos humanos. Mas nós aprendemos com a literatura, é a terceira forma de expressão do homem. A primeira expressão é a pintura, a segunda foi a fala e a terceira foi a escrita. Esses valores estão se perdendo, já se perderam e podem se perder muito mais.

O ciclo do turismo domina a cidade. Não existe indústria, fábrica, absolutamente nada. André fala no plural:

— Nós somos 100% turismo – um paratiano que se considera paratiense – Se não tem turismo como é que a gente vai viver? Deveria se explorar mais, quanto mais você fala mais você vende. A propaganda é alma do negócio.

De fato, depois de passar pelos ciclos da cana de açúcar, do café e da cachaça, Paraty experimenta uma decadência, que foi retomada apenas em 1945, com o tombamento como Monumento Histórico Estadual e em 1973 com a abertura da rodovia Rio-Santos.

— Paraty sempre foi comércio. Tanto é que você vê, a maioria das casas são apenas portas, portas, portas. Porque aqui era cana de açúcar, era café e depois o ciclo da cachaça. Nós chegamos aqui em Paraty a ter 128 alambiques, para uma

cidadezinha tão pequena! Depois com a queda dos produtos veio a decadência, por isso que a cidade histórica de Paraty é considerada uma das mais preservadas do Brasil. As pessoas não tinham como demolir uma casa e fazer uma mais moderna. Quando entrou o tombamento e com a Rio-Santos, aí houve um grande fluxo do turismo, porque antes era ou por picada de mula pela Paraty-Cunha ou de barco através de Angra dos Reis.

A Rio-Santos abriu caminhos para os paratianos, assim como os bandeirantes em suas expedições. Os paratienses foram se enfiando cada vez mais em sua terra, como minhocas cavando buracos para cada vez mais longe dos centros.

No discurso de abertura da FLIP 2018, Mauro Munhoz, diretor geral da FLIP, fez um agradecimento especial aos paratienses:

“Paraty foi resignificada por gerações de paratienses e paratianos, que é como a gente chama as pessoas que adotam Paraty”

Monica indignada, puxa todos os “s” e “r” conforme fala. Se o comércio melhorou, para o povo da terra está horrível. Paraty deixa de ser dos paratienses para ser do pessoal de fora, só que o paratiense não sai da terra dele.

No sentido Rio desmataram um manguezal, acabaram com as cobras, com os caranguejos, os sapos cururus. Por quanto? 230 mil reais cada terreno.

Os donos das pousadas compram os sítios, compram tudo. Começaram no centro e hoje já estão no Jabaquara e no Caboré, bairros próximos ao centro. Terrenos polidos à espera de um comprador, um pedaço do paraíso.

— Você acha que está vendendo para paratiense? Olha para mim! – debocha Monica.

O sonho é estabelecimento no centro e morar em um grande sítio.

Feito bicho do mato, o paratiense não briga, não luta. Se amontoam nas periferias, onde já tem gente. Querem sentar para pescar, conversar, comer um peixe com banana.

— Se escuta muito que o paratiense é preguiçoso, é burro, que ele poderia montar um negócio. Só que para ele montar um negócio ou ele precisa ter muito dinheiro, ou precisa ter vendido a casa dele lá em outra cidade e comprar um negócio aqui. Mas se ele mora aqui, como que ele vai vender a casa dele e montar em outro lugar? – Monica não entende a lógica.

Na sua essência tímida, não sabiam nem quais eram os autores que estariam na FLIP para os cinco dias de festa.

— Mas vocês não querem se informar? – Monica repete a pergunta como se a tivesse ouvido muitas vezes – Não é isso, a gente está trabalhando. Tem gente que mora das roças, nas ilhas.

A professora Miriam sente falta de seus alunos debaixo do seu *Pé de livro*. Com a mudança da festa para a época das férias, as excursões com as escolas diminuíram. Os pais trabalhando na zona rural ou costeira não tem como chegar.

Conformada com a situação, ainda é gentil porque sabe que isso atrai muitos professores e alunos de outras cidades. Mas fica triste em saber que de seus quase 300 alunos, nenhum vai poder encontrá-la ali, como sempre quis desde a época do estágio, para quem sabe burlar as regras e fazer uma contação, chamar Clelia para participar e depois comer um doce no carrinho de Monica.

— Eu teria muito orgulho de poder trazer os meus alunos. A gente passa o período letivo combinando, mas é difícil. Na quarta-feira teve umazinha que eu trabalhei com ela no ano passado – fala, enquanto desvia o olhar para crianças que passam correndo na praça, como se procurasse seus alunos. Não reconhece nenhum.

Se lembra que na sexta-feira algumas crianças se apresentavam em um projeto da Casa Azul sobre literatura e território. Apenas o mínimo, a maioria não pode ir.



EM UM MURO BRANCO, uma casa com a porta amarela. A programação foi impressa em folha sulfite e atualizada à mão, quando necessário. Pela porta, apenas uma pessoa de cada vez. Ao atravessar, é como cair no buraco do coelho de Alice.

No quintal, à esquerda editoras independentes se organizam em uma feira de livros. Como na feira cultural de uma escola onde cada aluno expõe seu trabalho, os editores expõem seus livros.

Do outro lado, sentadas em cadeiras de plástico, quatro mulheres. Duas garrafas de cerveja. Cada uma se apresenta, da esquerda para direita:

Rita Isadora Pessoa é psicóloga de formação, especializada em literatura, mas se afirma como escritora. Au-

tora de *A vida nos vulcões* foi vencedora do prêmio Cepe de literatura, na categoria poesia, com a obra *Mulher sob a influência de um algoritmo*.

Danielle Magalhães é formada em história e doutoranda em letras, desenvolve sua pesquisa sobre poesia brasileira contemporânea. Autora do livro de poemas *Quando o céu cair*.

Taís Bravo é uma das coordenadoras da iniciativa Mulheres que escrevem, no Rio de Janeiro. Autora do *e-book Todos os meus (ex) heróis são machistas* e estudante de letras.

Jarrid Arraes é escritora, cordelista e poeta. Fundadora e coordenadora do Clube de Escrita para Mulheres, em São Paulo. Autora de três livros: *Heroínas Brasileiras*, *As lendas de Dandara* e *Um buraco com meu nome*.

A mesa *Mulheres que escrevem poesia* é a repetição de uma reunião que aconteceu há um ano. A ideia é alimentar a conversa entre mulheres que escrevem.

Taís é meio mediadora, meio participante. Como em um reencontro de amigas do colégio, ela reconhece as mudanças na vida de todas.

Através de um edital de chama aberta na editora Uru-tau ela está prestes a publicar seu primeiro livro, dessa vez na forma física.

Jarrid algumas horas depois daquele encontro lançou

de forma oficial seu primeiro livro só de poesias, que estava em processo de escrita na época.

Dani lançou seu primeiro livro que, na época, estava em processo de edição.

Rita recebeu dois prêmios em publicação e dinheiro: o Cepe e o off FLIP de poesia.

Esse grupo de mulheres forma uma rede de apoio.

Os processos de escrita, publicação e venda independente, passam por discussões de porquê para as mulheres o processo é mais intenso e mais doloroso.

— A questão de se assumir poeta, se assumir escritor – alguém interrompe Dani, pede que ela fale mais alto – Eu comecei a me levar a sério e me afirmar como poeta quando vi que fazia parte de uma rede de outras mulheres.

O processo de escrita se transforma em um ciclo. Ao ler Dani participava, de alguma forma, dos poemas que lia e trazia para si essas influências.

A conversa transforma o trabalho, como uma troca de corpos temporária.

É importante não ser uma escritora de gaveta querendo sair do armário, como era Rita.

— Para mim é uma questão dizer que sou escritora, porque é um trabalho...

— Ela é uma escritora premiada – interrompe Jarrid. Rita desconsidera o elogio, balança a cabeça como se nem ela acreditasse em seus prêmios.

— É difícil assumir o próprio desejo de escrever. Eu escrevia para mim e não mostrava para ninguém.

Em um ato de semi-lucidez, no ano de 2010, ela decide fazer um blog, que apesar de ser, e continuar sendo até hoje zero badalado, fazia parte do exercício de abrir com cuidado a fechadura do armário interno e espiar no mundo lá fora como todos aqueles pensamentos organizados em escrita seriam recebidos em um espaço virtual público.

Na camiseta de Rita, o desenho da personagem Nairóbi, da série *La casa de papel* com os dizeres “*empieza el matriarcado*” é apenas uma peça no quebra cabeça do processo de desbrochar na escrita. De alguém que tinha medo de publicar seus textos em um blogspot, para uma mulher que imprimiria o manuscrito de seus livros e os enviaria pelo correio, com destino a um concurso, ainda que sob um pseudônimo.

Jarrid já foi mais rebelde, começou a publicar de forma independente seus cordéis onde assumia toda a autonomia da produção. Não dependia de gráfica ou de editora. A atitude rock’ n roll de suas camisetas se refletiu quando pediu um empréstimo para publicar seu primeiro livro de

forma independente. Foi tudo o mais barato possível, do pior material e esgotou em um ano.

Nascida em Juazeiro do Norte, Cariri, Interior do Ceará, o cordel é uma tradição de família que Jarrid escolheu seguir, porém com uma nova proposta trazendo personagens LGBTQ, mulheres protagonistas e discussões raciais.

A escrita é um trabalho solitário.

Taís considera Dani uma interlocutora de sua poesia, quando uma lê a outra, elas ficam mais próximas. A proximidade, a princípio, pode ser apenas virtual.

Quando se lê uma mulher, mesmo que você não a conhecesse antes, existe uma troca a ponto de você se sentir amiga dela.

O processo de leitura tira do armário uma coisa que era de posse apenas do autor e transforma o texto em uma peça coletiva.

— Toda a escrita tem um endereçamento, alguém que a gente escreve para. Quem escreve de forma privada não tem esse leitor transmutado em alguém de carne e osso – Rita gesticula enquanto fala, forma com as mãos a simulação de uma gaveta aberta e de um corpo humano.

Por isso, expressar pensamentos não deve ser algo a ser temido.

Em suas reuniões do Diário de escrita, Jarrid encontra mulheres que fazem verdadeiros terremotos em gavetas. Apenas as traças e os papéis perdidos conhecem o poder daquelas palavras.

Jarrid é uma das principais defensoras de que as pessoas têm que se interessar em ler poesia, mesmo que essa vontade seja fruto de um meio acadêmico, que valoriza apenas os autores clássicos.

Rita gostaria que o cânone fosse incendiado, que o fogo criasse alguns buraquinhos, por menores que sejam, para que ele se tornasse mais poroso. Ainda assim, ela sabe que sua orientadora não concordaria com suas opiniões.

A irritação é consenso. Entre os capelos e a zine tudo é poesia. Quando estamos presos em nossa própria bolha de convívio social acreditamos que não precisamos falar mais sobre certos assuntos, que eles foram dados como resolvidos na lista de pendências de problemas do mundo. Mas muitos ainda são resistentes em conceber que existem outras formas de se fazer poesia. Dani finalmente fala um pouco mais alto:

— A poesia não tem obrigação de nada. Muitas coisas podem ser poesia.

— É o problema da poesia *pop* – afirma Jarrid – É uma falta de respeito com trajetórias, com significados – ela se mexe em sua cadeira irritada, aperta seu livro nas mãos – “A poesia

de fulana é simples, é só pular linha”. Tem poesia do Paulo Leminski que é só pulando a linha, só porque é cânone pode?

O desejo de se tornar inatingível coloca, não só autores em pedestais, mas também leitores que formam o próprio clube, uma festa seleta com portas e janelas fechadas. Apenas o autor e os leitores que realmente entenderam podem participar.

Ao contrário da festa, é nas rodas de slam e nas batalhas de poesia que Dani enxerga um escapismo pela oralidade, que vem rasteiro como o hip hop e o rap pleiteando um lugar no indefinido.

— “O que é poesia de verdade?”. Para com essa coisa de verdade! Não dá para ficar mais nisso em 2018! – ela agita a mão que segura a cerveja.

Antenada com as discussões sociais, a preferência de leitura de Jarrid é por mulheres, as exceções são os indígenas, homens negros e do nordeste do Brasil. Se alguém quiser dar um livro de presente para ela é melhor pensar em outro item, ela prefere comprar, como forma de retribuição ao que ela sabe ser um trabalho árduo de publicação e, sobretudo, de distribuição.

— Eu só escrevo, não sou a Taís Araújo – ela sorri para todos – Faço questão de ser humilde e atender todo mundo.

As autoras se inspiram no trabalho de Jarrid com as redes sociais. Promover a si e a seus livros foi o que possi-

bilitou a autora a vender mais de 10 mil exemplares de seu primeiro livro *Heroínas Negras*, que não foi relacionado em nenhuma lista de livros best sellers.

Fato que mexeu com as expectativas da autora. Nos cordéis, ela sabia exatamente o que estava fazendo, agora no lançamento de seu livro de poemas as inseguranças afloram. Seu desejo era entrar no mercado editorial de igual para igual. Com seus outros trabalhos ela se sentia no lugar do outro, do exótico e do diferente.

— Eu sei que isso vai ser difícil, já está sendo, porque a “alta literatura” não me quer naquele lugar, mas o meu trabalho tem sido muito pautado nisso, de ter uma fala assertiva de questionar “por que não? Por que eu tenho que aceitar esses lugares subalternos?” – Jarrid fala alto, não precisariam nem de microfone para se fazer ouvida, mesmo fora da casa da porta amarela.

— Parte do problema é achar que batendo na porta e pedindo licença os espaços vão se abrir naturalmente – Sua experiência prova que não, ficar calada ou ser mais domável e fácil de lidar não vai colocá-las na lista de mais vendidos da revista *Veja*.

— Essa ação de você para si própria é poder, é algo que ninguém te toma. Eu sou uma incendiária – todos aplaudem, suas amigas pedem para que ela faça cursos e tutoriais de auto publicação.

A internet no caso delas não é uma terra de ninguém, e sim, um lugar de esmurrar a porta. Jarrid dá a dica, foto boa é o que faz rodar.

Taís passou a ver suas publicações com mais seriedade depois das dicas. Sente saudades da época, lá pelos anos 2000, em que os blogs eram diários em que se podia escrever levianamente.

Dani com sua veia pesquisadora leva a plataforma a sério, como sua oficina experimental.

— Acho ruim levar o facebook como uma plataforma lixo, que você pode falar qualquer coisa e isso não vai ter nenhuma consequência. Isso fortalece o lixo que está a democracia nesse país – ela faz uma careta de desprezo.

Um post de Dani vira poema, se alguém compartilha uma música vira inspiração e um comentário já vira conversa ou citação para um de seus artigos.

Ainda assim, o peso da palavra *poeta* e *escritora* é uma questão.

— É muito bizarro eu ser poeta na minha família. “Eu sou um poeta” – Taís engrossa a voz, para dar mais eloquência ao termo – Meus pais são ótimos, mas assim, é a “escritora da família” e não tem nada a ver com ninguém.

A origem de um escritor pode dizer muito sobre a obra dele. Nenhuma daquelas quatro mulheres se relacionam, de alguma forma, com a dita cultura brasileira da zona sul e da boêmia, e sim, com a cultura do capital negado.

— Antigamente os jovens se rebelavam e queriam ser músicos. Hoje, isso está acontecendo com a poesia, é uma coisa meio rock' n roll – Dani fala como se seu sonho era ser Janis Joplin, mas acabou esbarrando em Hilda Hilst – Acho que antes era uma coisa mais musical e agora é para estar na boca do outro, na voz de qualquer um.

Quando anoitece e a cerveja esquenta é hora de encerrar a roda. Quatro cadeiras para quatro mulheres se transformam em quatro declamações de poesia, cada uma com seu livro ou zine.

Depois dos aplausos é hora de as cadeiras darem lugar aos microfones e as plaquinhas dos jurados para as meninas do Slam de quinta, uma batalha de poesia organizada por um grupo de mulheres paratienses.

O grupo se reúne na rodoviária ou nas praças de Paraty para declamar poesias autorais. A batalha geralmente tem 3 rodadas, os jurados dão notas para cada slammer, na rodada final ficam apenas aqueles com as maiores notas.

O intuito é mostrar para o mundo a poesia de cada um.

PELOS MEUS OLHOS



CLELIA, mesmo sob o sol forte, mantém um sorriso calmo enquanto lê para crianças em seu Pé se livro.



No centro da praça, o carrossel da Flipinha. Palco dos contadores de histórias e do palhaço BRUNO.



MÔNICA em seu carrinho de doces, pronta para empurrá-lo pelas pedras do centro histórico.



Com os pés apoiados em tocos de madeira o professor PAULO MARCOS CAVALCANTE segura os exemplares de seus livros e divide as histórias com que passa ao seu lado.



“Todo santo dia está lá o meu bom dia em poesia”, ZÉ SALVADOR escreve um soneto, uma trova ou cordel todos dias em seu facebook.



Os livreiros independentes disfarçados de marujos estavam alocados no barco Bem-te-vi, do lado aposto as tendas oficiais da FLIP.



A Kombi resgatada no ferro velho virou lar de livros e discos de vinil no Sebo cultural de Paraty.



O operário da cultura DANIEL DE JESUS convida os visitantes a folhear os livros do sebo. A câmera em suas mãos registra o movimento ao redor da Kombi.



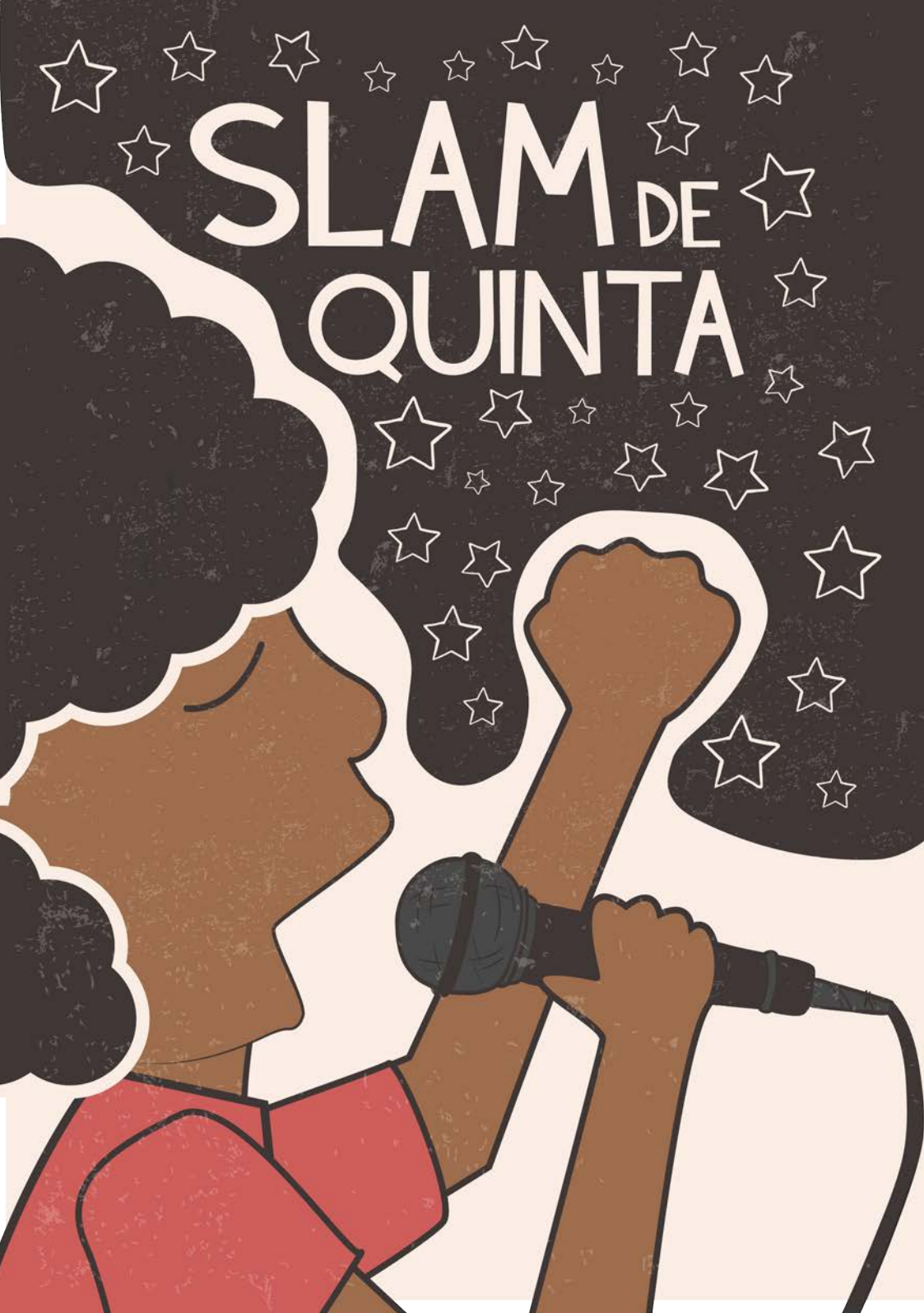
Índios paratienses expõem suas peças de artesanato em frente às lojas.
Conversam apenas entre si, raramente falam com algum turista.



Mãos paratienses nas bandeiras do movimento
“OCUPA PARATY” nos postes da cidade.



Na CASA DO SOL improvisada na tenda, os curumins do coral da
aldeia de Itaxim - Paraty Mirim cantam de mãos dadas.



***Elas: Da margem pra esquina,
Nós: Slam de quinta!***

A primeira regra do Slam de quinta é:
você fala sobre o slam de quinta

A segunda regra do Slam de quinta é:
qualquer tema ou estilo vale

Terceira regra do slam de quinta:
nada de auxílios visuais ou fantasias

Quarta regra: apenas três minutos para batalhar

Quinta regra: cada rodada, um texto autoral

Sexta regra: qualquer um pode lutar

Sétima regra: 5 pessoas da plateia formam o júri

E a oitava e última regra:
se esta for a sua primeira noite no Slam de quinta,
você tem que decorar o grito de guerra

***“Da margem pra esquina,
Slam de quinta!”***

AS RODAS DE CONVERSA na casa da porta amarela têm hora para começar, mas raramente para terminar. O Slam foi anunciado.

As meninas da organização pedem para que o pessoal não vá embora. A de cabeça raspada segura uma prancheta, ela escreve o nome dos lutadores da noite.

O show atrasa, estão esperando mais slammers para competir enquanto procuram na plateia pessoas para o júri. A maioria é tímida, não veio para julgar apenas para assistir. Com custo, cinco mulheres são escolhidas.

A mestre de cerimônias e agitadora é Dani. Pequena e de cabeça raspada, veste roupas pretas, no estilo gótico, até os lábios estão pintados de preto. A voz fina e aguda anuncia as regras, chama os mais tímidos para a batalha e ensina também o grito de guerra:

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

Lutadores inscritos, microfone ajustado, jurados escolhidos e poesia decorada. Sorteada, a primeira slammer é Nate. Uma das organizadoras do movimento.

— Tá preparada? Posso mandar o bordão?

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

Nate também é uma das organizadoras, com seus cabelos curtos, alargador 40mm, camisa de brechó bege, surrada, com flores pequenas e delicadas, pochete atravessada e meia na canela, ela anda de um lado para o outro enquanto espia alguns versos pelo celular.

“Hoje eu me olhei no espelho e disse para mim mesma:

Eu quero ser a sua melhor amiga,

Meu corpo sussurrando ao pé do ouvido me respondeu:

Você não faz ideia de quanto tempo eu esperei por isso”

No nervoso, algumas palavras se confundem treta se confunde com caneta e tropeça na tinta, a lembrança se embo-la com sumiço e resquício. Da periferia, não esconde o sotaque, uma parte canta, outra grita, outra é sussurrada. Descobrimen-to das dores de ser mulher e do encontro e aceitação de si.

— Quando termina as juradas levantam as placas com as notas.

— 9.4!

— Credo! – é a manifestação da plateia para qualquer nota menor do que 10, que por sua vez são acompanhados de gritos animados.

— Nossa, o que é isso? 9.4! Nem eu me comprometo! Brincadeira, a gente é grossa assim, mas é só de brincadeira! - Dani brinca enquanto as notas para a média são somadas e a próxima é sorteada – Mas essa letra aqui é um “d” ou é um “s”? A próxima slammer Sabrina Lopes! Pode mandar o bordão? Pode mesmo?

Sabrina acena com a cabeça. É como se ela tivesse tropeçado nas pedras do centro e tivesse caído ali sem saber como. Dani não espera ela descobrir.

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

Com os ombros encolhidos Sabrina fala manso, a língua se enrolando nas palavras. Saia florida e cachos volumosos desabrocham na declaração.

“Quando você cola para mim

Quando eu colo em você

Quando a gente decola

Lugar de colar é pescoço

Então me enfeita

Decora meus trejeitos

Antes que a vida dê corda, demos cor a ela”

[...]

Gosto do teu gosto

Meio salgado, meio doce

Pro meu paladar é tradição

A contradição é você não gostar de agridoce e selo

Mistura de nós dois? Salada

Em meio a selinhos nossas vidas

Seladas”

Quando termina ela sorri, tímida. Não parece aquela mulher que tinha dobrado de tamanho no palco. Ousadia e delicadeza juntas em metonímia e sinestesia.

— Se foi assim nervosa imagina se não estivesse! Que isso mano! Caraca que poema é esse! Uau! Nossa pasmem, que lindo! – Dani se perde em meio aos elogios.

— 10 – uhul!

— 9.8 – credo!

— 10 – uhul!

— 9.8 – credo!

— 9.9 – credo!

— Próximo slamer é o Rafael Carnevalli – único homem na batalha da noite

— Seja bem-vindo! Pode mandar o bordão? – ele não demora para responder.

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

O homem baixo, de cabelo *black power* e camisa larga fala baixo só se for para cumprimentar. Sua poesia foi feita para gritar. Enquanto declama sua poesia, preenche os 3 minutos que possui, ergue para o alto as mãos com os punhos cerrados. Uma pantera negra no Movimento Aliança da Praça, de São Miguel Paulista, para o Slam de Quinta.

“Revolução das panelas de quem nunca suou as mãos

O que é isso companheiro?

Aplaudir torturador na plateia?

Falar que a Dita, não foi dura no ano em que os pais

saíram de férias?

Veja a idade da terra

Fica fácil entender

Que cada um no seu cortiço é mais difícil vencer

Na vida do trabalhador, o golpe é sempre mais embaixo”

Na poesia de Rafael, o que se forma na mente é um redemoinho de referências, que tentam cruzar *Morte e Vida Severina*, *Vidas secas*, *Vende-se um véu de noiva*, *O pagador de promessas*, *Poema sujo* e *Capitães da areia* na realidade de um homem negro da periferia. Quando ele termina, Dani tira todo mundo do transe pedindo para que as juradas deem as notas.

— Gente, levanta a placa! Agora eu fiquei empolgada! Caraca mano, o que é isso? Notas juradas?

— 10! 10! 10! 10! 10! – todos aplaudem.

A próxima slamer, Sophie, que tem a difícil tarefa de manter os ânimos.

— Posso mandar o bordão?

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

Sophie cochicha alguma coisa para Dani antes de entrar. Cabelos lisos escorridos e vestido florido. Nos braços, tatuagem de Nefertiti em contraste com a pele branca. É a única que segura uma folha nas mãos, poema no papel. Antes de lê-lo ela anuncia que é uma homenagem ao dia das mães.

*“Não me dão flores,
pois minha dor é maior que qualquer flor
E eles não entendem
Pois não me deem flores então
Me deem espaço para lutar por melhores hospitais
Pelo fim do cabide
Pelo fim do pudor pudico da educação sexual
E da livre escolha das mulheres de serem mães quando,
e se, quiserem”*

— Se você não chorou hoje, agora é o momento certo.
Notas juradas: 9.9! 9.9! 9.9! 9.8! e 9.8! Credo! A próxima é
Patricia, pode mandar o bordão?

“DA MARGEM PRA ESQUINA,
SLAM DE QUINTA!”

Patricia Chmielewski não tem medo. Enche a boca para dizer “Toda mulher é uma puta”, e fala mais uma vez: puta. Não tem medo de repetir: puta. Cabeça raspada, camisa florida, dessa vez enche a boca para fazer o protesto sobre a vereadora carioca assassinada, Marielle Franco.

*“A revista Veja quis dizer em sua capa exposta
no pão de açúcar
Entre os chicletes e o kit kat em promoção
Que a vereadora da Maré
foi executada com quatro tiros na cabeça
[...]
A revista Veja responde em sua capa
que a assinatura anual custa 760 à vista
ou parcelado em 9 vezes
no cartão de crédito de sua preferência
Marielle Franco tinha a minha idade,
uma filha de 19 anos,
lutava pelos direitos humanos
e, assim como eu, amava uma mulher”*

— Marielle Franco tem 13 dias de diferença comigo, ontem ela completaria 39 anos. Eu queria pedir uma ajuda para vocês. Eu vou falar Marielle e vocês me respondem: Presente! Por favor.

— MARIELLE!

— PRESENTE!

— MARIELLE!

— PRESENTE!

— MARIELLE!

— PRESENTE!

Silêncio.

QUANTO CUSTA A SUA VERDADE?



NO CENTRO HISTÓRICO DE PARATY, a moda que rola é o zine. É como uma pequena amostra de poesia. Pode ser feito à mão, impresso em computador e depois fotocopiado.

Os papeizinhos dobrados são como joias para os poetas, eles apertam os papéis nas mãos enquanto abordam os turistas.

Na publicação independente é tudo feito e pensado por eles.

— Posso declamar uma poesia? – um homem de cabelos compridos estende um folheto feito à mão: xerox em folhas recicláveis e capa colorida. A ilustração é uma xilogravura, feita por ele.

Naaman é professor de yoga. Natural da Ilha do Governador, morou por 10 anos em Ouro Preto e foi pulando de estado em estado até chegar em Paraty.

Depois que o sol já nasceu e até antes que ele adormeça, é o período de trabalho de Naaman pelas ruas. A FLIP não o atrai, a formalidade fica ali na praça, todo resto é informal, mesmo nos dias sem festa.

Conheceu a internet apenas com 18 anos, a maioria trouxe a liberdade do google “joga aí que está tudo certo”. Diferente da realidade de quem em casa tinha uma biblioteca, se queria saber alguma coisa tinha que pesquisar na Barsa.

Escreve desde criança, porém seus primeiros poemas viram trabalho anos mais tarde com uma revista estilo fanzine. Era uma união de poetas e artistas, cada um fazia uma coisa.

O trabalho ia passando de mão em mão.

— Muita gente fala para mim: “mas é isso aqui?”. Pô, é isso aí cara. Isso aqui é uma xerox e esse livro que você está comprando aí também é uma xerox. Tá vendo que são todos iguais? É porque isso aí é uma reprodução, você está comprando e pagando 200 reais em uma reprodução e eu estou te pedindo 2 reais nesse daqui.

Dependendo da pessoa pode ganhar um pouco mais, porém não passa dos 5 reais.

O fanzine, porém, perde o “fã”, seu caráter de amador e vira a identidade de um trabalho.

— Posso declamar uma poesia para você?

O texto está decorado. Quando perguntam, já estão preparados para levar um não.

Não, alguns não querem ler poesia nenhuma, não querem ouvir e não querem ver o zine, que foi feito em papel sulfite, com uma borboleta tortamente desenhada no canto.

Versos espremidos, quanto mais couber melhor, sem esquecer do espaço para o contato: telefone, facebook e instagram. De que adianta uma poesia sem dono?

Não costuma ter preço e sim valor. Sabrina, slammer vencedora naquela noite, na casa da porta amarela, pede licença para fazer sua divulgação. Seu zine, “vulva lá ovulación”, cabe na palma da mão. Para quem quiser adquirir, a contribuição é voluntária: um cheiro, um trago ou um trocado.

A plateia é majoritariamente composta por mulheres, os poucos homens estavam mais aos cantos nas cadeiras que restaram, mas logo foram embora. O problema foi os protestos femininos que geraram incômodo aos ouvidos.

O protesto é marca registrada de Marta, que chegou a Paraty de carona. Vende seus zines para espalhar sua arte e tentar arrecadar dinheiro para retornar ao Complexo da Maré, com um pouco mais de conforto.

Mesmo com olhos em um tom azul profundo e cachos loiros ela está bem distante do Leblon ou de Ipanema. Pas-

sou os dias na praia, entre a marina com os barcos, batizados desde Gabrielle à Deus é fiel, sentada no chão de pedra com os hippies, ou no barco da FLIPEI, festa literária pirata das editoras independentes.

Pendurada no barco, uma bandeira vermelha. No contorno, em branco, o rosto e os cabelos da vereadora Marielle Franco.

— Eles usam a figura da Marielle como se fosse a do Che Guevara – debocha Marta.

Enquanto uma palestra não começa, ela se agacha diante de cada um, sentando na grama mesmo, sujando as roupas de terra e palha seca.

— Posso declamar uma poesia? – é impossível dizer não para aqueles olhos ressecados. Ela começa. O texto é decorado, mas não é robótico. Pede desculpas se ofende o playboy ali diante dela, não quer perder a chance de entregar seu zine – O preço é 5 cada, mas eu aceito o que você tiver.

Ela levanta e faz o mesmo ritual, dessa vez para três mulheres que dividem espaço em uma canga de praia.

Uma mulher, vendendo sacolé, aproveita a aglomeração de pessoas.

— Olha o sacolé! Tem de coco, morango.

— É natural isso daí? – ela interrompe a poesia.

— É, tem de leite ninho, chocolate.

— Eu vou querer um de leite ninho – uma das meninas pede.

— Tá vendo como eu sou legal? Eu estava conversando com uma burguesinha... a igualdade de qualquer um a ter acesso, as relações são importantes, a relação do menino com a mãe, com a criatividade, o evento tem que agregar. Se segregar não dá.

Quando termina de declamar sua poesia, começa a procurar seus próximos ouvintes com um sacolé de coco na boca, gritando:

— Compre do pequeno vendedor, tem que comprar de quem faz o natural! Kibon não, que bom! Kibon não, que bom!

Na orla da praia um picolé de coco custava por volta de 10 reais. O sacolé, em saco plástico armazenado em uma caixa de isopor era R\$1,50.

Mesmo com noites de microfone aberto espalhadas nas casas da cidade, Marta não pensa duas vezes e no meio da palestra, no barco da FLIPEI, na rodada aberta de perguntas, tira o microfone do gancho em um rompante.

— Eu quero declamar uma poesia!

No andar de cima do barco, Elisa Ventura (livraria Blooks), Gustavo Faron (editora Dublinense) e Haroldo

Ceravolo (editora Alameda), conversavam sobre o futuro do mercado editorial. Haroldo dá de ombros, um pirata estende a mão para o outro.

— Declama, pode!

— Primeiramente, Marielle Vive! E eu, se não chegar aqui e ocupar o espaço que a mim me pertence, dificilmente vocês vão chegar lá na Maré, para ler ou saber que eu faço poesia. Já que vocês não descem o degrau para falar com a gente, a gente vai se preparar, a gente vai se armar, a gente vai se informar, se formalizar e entrar dentro do sistema para conversar com vocês cara a cara – ela fala tudo em um rompante, no final começa a ofegar – Meu nome é Marta e eu vou declamar uma poesia que chama *Conversa para si*. Boa tarde todo mundo, com licença – recupera o fôlego para, enfim, declamar.

*“Porque eles são vistos
Mas eles são vistos sob ângulos
E esses ângulos, às vezes, são confusos,
obtusos, blasfêmicos e incoerentes
[...]
Porque daqui de onde eu venho
Os fracos, pequenininhos, negros e favelados
Costumam não ter vez.*

— Obrigada. Vamos fortalecer a arte marginal, o espaço é nosso, vamos ocupar, vamos resistir, vamos enfrentar! – Ela coloca o microfone de volta no gancho. Com um amigo, segue em direção à praia do Pontal. Não precisa tirar inspiração das ondas, tira de onde veio toda a força que precisa.

LIVROS ESQUECIDOS



EXTREMIDADES OPOSTAS DE UMA RUA encontramos uma biblioteca e um sebo. Com origens diferentes são modos alternativos de leitura.

Da nobreza, a Biblioteca Municipal de Paraty - Fábio Villaboim, foi criada em 1847, por um decreto do Imperador D. Pedro II. O lugar centenário já esteve na cadeia antiga e no largo Santa Rita até chegar à Rua do Comércio, em maio deste ano.

A mudança foi motivada por problemas na estrutura do prédio. Os mais de 40 mil livros, entre eles obras raras e títulos especiais, ficavam a portas fechadas, porque não havia como atender o público. Agora, em uma rua movimentada o pessoal local até tem visitado.

Apesar do fácil acesso, a entrada da biblioteca é apenas uma meia porta verde musgo, um lugar escuro onde três pessoas trabalham. Uma mulher de luvas limpando livros, o bibliotecário e o assistente.

O Sebo Cultural de Paraty esteve pela primeira vez, durante a FLIP, na porta do centro histórico, debaixo de uma árvore recém cortada.

Refugiado paulistano, Daniel de Jesus Lima é um operário da cultura. Ele reclama com uma mulher, que segura nas mãos um livro de Nora Roberts “cortaram minha árvore e levaram minha sombra”.

Em uma Kombi grafitada, há caixotes cheios de livros espalhados pelo chão e discos de vinil pendurados na parte de cima, onde não há sol. Entre os exemplares de *O pequeno príncipe* a 15 reais e a biografia de Fernando Moraes sobre Assis Chateaubriand a 54, ele faz seu trabalho marginal.

Apesar de um ponto fixo da cidade, sua Kombi não tem motor. Não fora planejada e sim fruto de uma necessidade.

Daniel perdeu tudo, tinha mais de 20 mil livros. Sem dinheiro para pagar o aluguel pensou em comprar uma banca de jornal, porém o que tinha só deu mesmo para resgatar a sucata da Kombi, antes que ela fosse ser fatiada em um ferro velho.

— A necessidade faz o homem.

No teto da Kombi há um palco, que ainda não está funcionando por falta de segurança.

— Eu não vou botar ninguém em cima de um palco para dar problema.

Mas a vontade de Daniel era um sarau por noite, com microfone aberto para que as pessoas pudessem declamar uma poesia ou apenas tocar violão.

No sebo, uma filosofia de vida e de trabalho. Ele não é um livreiro, a proposta não é comprar e revender.

— As pessoas praticam o desapego e me dão ou eu faço troca, porque aí a pessoa conhece o escambo, muita gente não sabe o que é escambo, não sabe o que é sebo. A minha missão nesse trabalho seria isso, falar de coisas que as pessoas ainda não ouviram.

O único bibliotecário de Paraty é Diego Salles. Aos 32 anos, fez geografia, mas foi durante o curso de biblioteconomia, ao estagiar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que despertou o sonho e o interesse para a área dos livros.

Quando estava no 3º período da faculdade de história, foi chamado no concurso para a Biblioteca Municipal de Paraty, de onde não pretende sair tão cedo.

— Paraty é uma cidade que respira cultura, tem tudo que você possa desenvolver na parte, pelo menos do que eu gosto, que

é a parte de história, de arqueologia e literatura porque eu me envolvo muito com escritores e estou aprendendo cada dia mais.

A biblioteca recebe alguns grupos de conversa entre escritores. Com o ritmo de saída e entrada das pessoas na cidade, aumenta o intercâmbio cultural.

Na época da FLIP muitos autores independentes deixam exemplares de seus livros na biblioteca, como foi o caso de uma menina de Santa Catarina, que acabara de deixar sua obra ali. Com as redes sociais, os autores divulgam seus trabalhos com o auxílio da biblioteca e mais pessoas conhecem o trabalho de Diego na região.

Mais do que necessário, Daniel sabe que a divulgação em cultura é uma necessidade.

— Trabalhar com cultura é assim, uma hora dá e outra hora não dá – ele ri, mas em seguida olha para o chão.

Acostumado a trabalhar com eventos de Arrigo Barnabé ou Itamar Assumpção, o refugiado considera a FLIP mais um dos ciclos econômicos de Paraty.

— Paraty tem antes e depois da FLIP. Mudou o conceito de evento, você pode ver que é tudo bem-feitinho, você não pisa no chão, tem carpete. A FLIP já passou por fases de ter muita grana, então você entrava e era tudo de primeira, ar condicionado, quatro tradutores simultâneos.

Nesse ano, Daniel estava sob o guarda-chuva da FLIP. Mesmo que sem sua sombra, mesmo que ele volte para a rodoviária ou para o final da avenida, não tem problema! Ele nunca vai dizer que é o evento é uma porcaria.

Às 19 horas o sebo fecha e Daniel vai para casa. Diego já fechou a meia porta da biblioteca faz tempo, às 17h todos os três funcionários já tinham ido embora.

A casa folha, do jornal Folha de S. Paulo já desmontava tudo, colocava todos os livros não vendidos no caminhão, dava ré, fazendo Mônica ter que manobrar seu carrinho às pressas.

No domingo, a noite mais silenciosa desde a quarta-feira, a maioria dos turistas partiram entre 4 e 6 da tarde.



A CASA DA NÃO HILDA

Visita à casa do sol, 30 de abril de 2018

É TENTADOR, para aqueles que desejam conhecer um pouco sobre Hilda Hilst cair em uma espiral de loucura, buscando significado para cada uma de suas declarações polêmicas em entrevistas, cada verso de seus poemas, cada personagem de sua prosa. Os resultados são tão paradoxais quanto a própria Hilda.

A casa do sol fica em Campinas, interior de São Paulo, dentro do Parque Xangrilá. Cerca de 90 minutos de distância da capital, se o Waze colaborar. As visitas são guiadas pela artista plástica Olga Bilenky, que conduz todos os dispostos a pagar 60 reais por uma visita.

A casa do Sol costumava ser lugar de refúgio, tanto para Hilda como para seus amigos escritores, como Caio Fernando Abreu e Lygia Fagundes Telles.

Por conta do que já se escreveu sobre o lugar, era de se imaginar que se tratava de um lugar isolado de civilização, cheio de terra e lama. Porém, com o passar dos anos e da urbanização, a rodovia chegou cada vez mais perto da casa, ao ponto de que, mesmo do jardim, é possível ouvir o zunir dos carros na pista.

Na portaria, um homem pergunta onde vou:

— Vou para o Instituto Hilda Hilst – digo ainda sem ter certeza de que estava no lugar certo, achei moderno demais. Sem maiores perguntas ele me entrega um ticket amarelo e abre a chancela.

Parecia um condomínio fechado, desses famosos em São Paulo, que dão ilusão de segurança. Depois da chancela, casas com aspecto interiorano de fazendas e terrenos vazios, contrastam com casas modernas, pintadas de branco gelo, cheias de plantas que trepam pelos muros onde pequenos botões de flor roxa nascem em pleno outono.

A casa não tem número.

“A casa fica ao lado dos 209. Me liga qualquer coisa”, foi a última mensagem que recebi de Olga. No começo do mês de

abril, a mensagem enviada ao site do instituto não teve retorno. No WhatsApp, a resposta veio duas horas depois.

Em uma manhã de sol ardido, em pleno sábado, poucas pessoas na rua, nenhum carro passando. Havia um portão de ferro, provavelmente coberto por ferrugem, o mato alto já se esgueirava pelas brechas do portão, não havia campainha, apenas um sino. Bom, só pode ser aqui, em algum lugar entre o número 180 e 200.

Olga demora para atender, em seu lugar diversos cachorros saem correndo dos fundos da casa, se amontoam com os focinhos no portão tentando decifrar quem é que chegou, quem se atreveu a tocar o sino.

É impossível não a ver chegando, de cabelos ruivos flamejantes, uma senhora sorridente caminha sem pressa em direção ao portão.

Aquela senhora de pele branca, vestindo tons de bege e de cabelos de fogo tenta sem sucesso abrir o portão com delicadeza, não quer fazer força demais e abrir espaço para os cachorros fugirem.

Para entrar passo por uma pequena fresta no portão, sou recepcionada por cada um dos cachorros, todos vira-latas, amontoados, que ao se acostumarem com o cheiro dos invasores logo se acalmam e começam a seguir Olga por onde quer que ela vá.

Passando pelo portão, há um jardim de mato alto. No meio das plantas que crescem, um caminho de pedras forma uma trilha até a porta da casa. Caminhando entre galhos e folhas secas, Olga me guia em direção ao jardim onde há uma figueira.

“As figueiras são mágicas”, diz ela, enquanto eu observo aquela árvore centenária. Abaixo dela, uma mesa e uma cadeira de pedra. Preso em um dos galhos da figueira, um balanço feito com uma tábua de madeira e uma corda completam o ar místico da árvore. Cada visitante tem direito a um pedido.

A casa em estilo colonial, da época do café em São Paulo, foi um presente para Hilda do namorado de sua mãe. A propriedade de 10 mil metros quadrados foi, aos poucos, durante a vida de Hilda, diminuindo. Quando se via sem dinheiro, ela vendia um pedaço de terra, em troca de sossego financeiro.

O tour pela casa não tem nenhuma ordem. Olga te pergunta de onde você vem, e o que deseja. Disposta a responder as perguntas ela, sempre acompanhada de Balalaica, a vira-lata mais nova do grupo, abre as portas da casa.

Tudo está intacto, como a própria Hilda gostava e do jeito que ela deixou. Tudo. Todos os quadros, pedras místicas e peças de artesanato são brasileiros. Quadros coloridos de artistas que hoje não valem nem 200 reais. Mesas abarrotadas

de pedras de quartzo rosa, ametista e turmalina em pratos de porcelana. Bibelôs de elefantes indianos, pretas baianas. Tapeçarias, restos de velas em móveis de madeira escura.

As paredes têm pintura desgastada, cor de tijolo desbotado e mesmo com as luzes acesas a casa é escura. Apesar de tombado patrimônio histórico, Olga não tem muitos recursos para manter a casa conservada.

A casa do sol é escura por dentro.

De cima, a vista da casa parece um quadrado com um buraco no meio, todos os cômodos da casa acabam culminando em saídas em direção à área do sol. É como se toda a luz fosse sugada por aquele buraco.

O primeiro cômodo é a sala de estar. À direita, um sofá de couro marrom, uma mesa de centro – onde quase não há espaço para colocar os pés, já que pedras, estátuas e retratos ocupam todo o espaço disponível – na parede oposta um rack com televisão e um aparelho de som dos anos 2000.

Porém, o que me chama a atenção é uma fotografia pendurada na parede, envolta em uma moldura bege: Hilda, apoiada no batente de uma porta, sorrindo. A foto havia sido tirada um ano antes da morte dela, em 2004.

— Ela estava tão bem, sorrindo. Deve ser por isso que não sabemos quando vamos morrer – comenta Olga.

— Se você pudesse escolher entre saber quando ou onde morreria, o que escolheria?

— Onde. Porque aí, por exemplo, se fosse de avião eu nunca mais andaria em um.

Deixando a morbidez de lado, aquela não é a única foto na Casa do Sol. Ao lado esquerdo da entrada, em diversos quadros na parede, fotos – em sua maioria preta e branca – de Hilda quando jovem, com sua família e seus amigos Mora Fuentes, Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu, José Antonio de Almeida Prado, J. Toledo, Dante Casarini, entre tantos outros, imortalizados nas paredes da casa.

Olga aparece em algumas das fotos, junto com seu marido, Mora Fuentes, que era amigo de Hilda e o responsável pelas duas terem se conhecido. Olga e Mora namoraram quando eram jovens e se separaram por um período, onde Olga se dedica aos estudos. Em 1976 eles se reencontram e ele a leva para a Casa do Sol, onde ela e Hilda se tornaram amigas. Nos anos 80 elas já tinham seu próprio conceito de família.

Nessa casa, cheia de intelectuais, cachorros, e misticismo, Olga deixa muito claro que o espaço era voltado para o trabalho, tanto fosse embaixo da figueira na mesa de pedra, na varanda, na sala, ou no escritório de Hilda.

Mesmo com a tecnologia, Hilda não deixou de lado sua máquina de escrever. Em uma mesa de madeira, atrás de uma janela que irradia a luz do sol, abarrotada de livros e de pedras mágicas, o lugar onde Hilda se sentava para escrever suas obras é, na realidade, bem simples e aconchegante.

No quarto ao lado, estantes de ferro se erguem até o teto. A biblioteca não catalogada de Hilda. O pó é inevitável. Olga não pode mostrar os livros, a maioria era de Hilda, com suas anotações, impressões e tudo o que ela acumulou em sua casa ao longo dos anos.

Em 2015, quando o Itaú Cultural organizou uma exposição sobre a autora, Olga conseguiu comprar as estantes para colocar os livros, porém sem dinheiro ou ajuda para catalogar tudo fica guardado em uma sala fechada, que, às vezes, recebe visitantes e um pouco de luz do sol.

— Muitos autores têm suas casas, que poderiam ser museus. É que a gente não liga – ela menciona sua recente viagem ao Uruguai, sobre uma autora que não conhecemos, uma Hilda uruguaia. Para ela, existe uma – ou várias – em cada lugar, uma história que não conhecemos.

O jornalista José Castello, em seu livro “inventário de sombras” escreveu um perfil sobre Hilda Hilst, onde ela seria uma espécie de *potlatch*: um ritual de índios americanos,

onde tudo aquilo que havia de melhor e mais precioso em uma cultura seria queimado. Nos anos 90, quando o perfil foi escrito, um dos maiores desejos de Hilda era ser lida.

Olga acredita que o potlatch de Hilda não se concretizou.

— Hoje eu vejo muita gente falando da Hilda, ela foi traduzida em muitos países. Tem muita gente que vem visitar a casa, várias meninas por aí com tatuagens dela.

Em 2001 os direitos autorais de publicação de Hilda Hilst foram comprados pela editora Globo. Hoje os direitos pertencem à companhia das letras.

Olga pede licença, diz que vai preparar um cigarro. Ela volta com seda e um punhado de ervas: jasmim e rosa branca. Quando a fumaça doce exala pelo ar é hora de ir.

EPÍLOGO

A próxima edição da Festa literária internacional de Paraty (17ª) acontece entre os dias 10 e 14 de julho, sob a curadoria de Fernanda Diamant, uma das editoras da revista de literatura brasileira “Quatro cinco um”.

O autor homenageado será Euclides da Cunha.

A curadora pretende focar em obras de não ficção na FLIP 2019.



JÚLIA FIRMINO É JORNALISTA. NESSE LIVRO ESTÃO REUNIDAS SUAS PAIXÕES: JORNALISMO E LITERATURA. UMA VIAGEM A PARATY, DURANTE A FLIP, REVELOU QUE A CIDADE É UMA TERRA CHEIA DE SIGNIFICADOS.

A HISTÓRIA OFICIAL DE UM LUGAR PODE ATÉ ESTAR NOS LIVROS, MAS SÃO AS PESSOAS QUE RESSIGNIFICAM OS ESPAÇOS E QUE, ATRAVÉS DE SUAS VIVÊNCIAS, PRODUZEM ARTE NO DIA A DIA. MESMO QUE ELAS NÃO SAIBAM DISSO.

